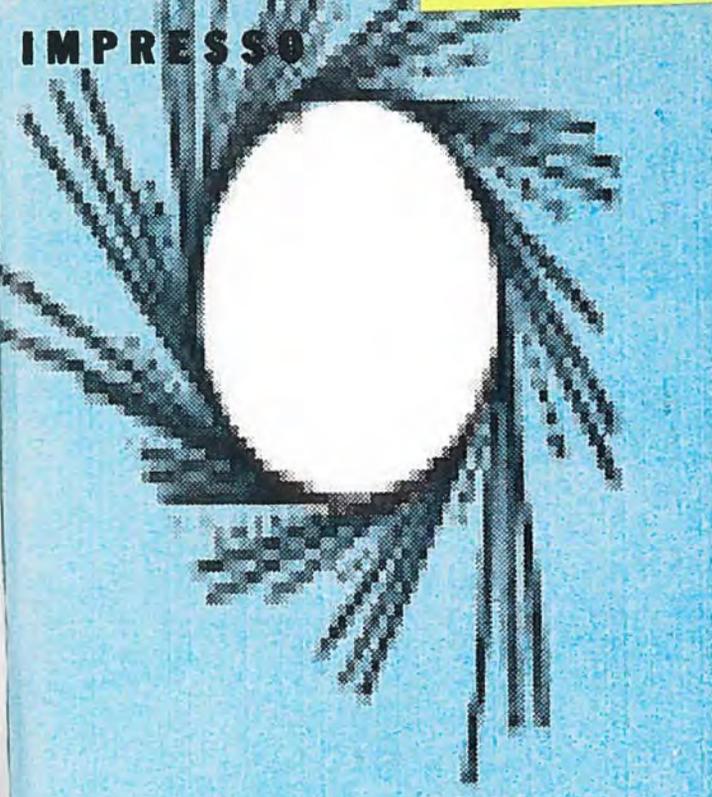


CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



Biblioteca/CLDF

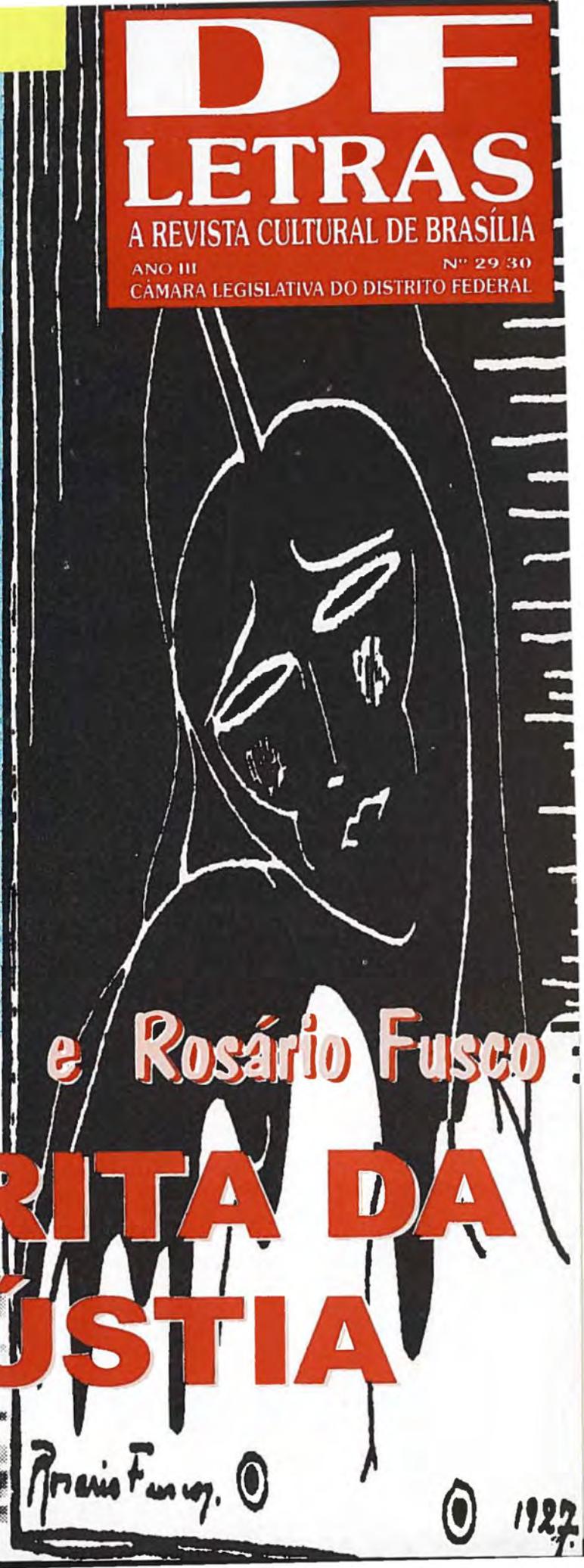
**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III

Nº 29/30

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



Graciliano Ramos e Rosário Fusco

**A ESCRITA DA  
ANGÚSTIA**

Rosário Fusco ©

© 1927

# A música como caricatura política

□ Renato Vivacqua

*Os políticos brasileiros sempre serviram de inspiração aos compositores populares. Alguns, como Getúlio Vargas, consagraram este estilo transformando-se em alvo de marchinhas picantes. Outros, sabendo da força que a música tem junto ao povo, chegaram a fazer encomendas pessoais. Tudo na surdina.*

A história oficial de um país é sempre idólatra, ufanista, apologética e parcial. E isso não é escapismo só nosso, estamos bem acompanhados na escamoteação. O indômito General Custer, herói americano imbatível em filmes e livros, quis fazer do massacre indígena plataforma política para chegar à Presidência. O tiro, ou melhor, a flexada, saiu pela culatra e seu exército acabou dizimado. Kipling, o doce escritor, e Baden Powell, o fundador do escotismo, foram imperialistas ferrenhos. Alfredo Nobel tentou fundar um Instituto de Eutanásia. Wellington derrotou Napoleão e no currículo ordenou o massacre de operários. A lista é por demais cansativa. Os nossos vultos históricos não fogem à regra. São destemidos super-homens, imaculados, sem um humano deslize. A MPB vem fazendo até hoje eco às versões do poder, com raras exceções. A maioria dos sambas-enredos não passa de louvaminha. Santos Dumont, gênio incontestável, tem, sem dúvida, muita empatia e carisma. Escritores respeitáveis como Marcio de Souza e Francisco Assis Barbosa se interessaram por sua personalidade. A música popular não ficou insensível ao seu fascínio, sendo um dos personagens mais abordados. Seu suicídio em 1932 parece segredo de Estado. Espalhou-se a pueril versão de que morrera de desgosto por ter sua invenção se transformado em arma destruidora. É certo que o avião não lhe trouxe a compensação esperada. É-lhe atribuída uma frase: "Prefiro ficar cego a ver bombardeios aére-

os". Em 1928, ao voltar definitivamente ao Brasil, assistiu do convés do navio à queda do avião com seu nome, que conduzia amigos, no mar. Entrevistado por Assis Chateaubriand em 1929 declarou entusiasmado ao repórter: "Dado ao estado atual da navegação aérea, reputo o hidroavião mais prático para o Brasil, pondo o litoral em comunicação permanente com o sertão". "Falou-me ainda, conta Chatô, com entusiasmo, no desenvolvimento da aviação entre nós, acompanhando tudo com carinho e vivo interesse". Como curiosidade o entrevistador revela que Santos Dumont falava em voltar à Europa para fazer experiências no inverno com seu transformador marciano. A engenhoca era um aparelho baseado na eletricidade destinado a ajudar o homem a marchar e praticar alpinismo, subir ladeiras, escarpas e montanhas, "como se carregasse asas sob os braços". O aparelho transmitia poderosa força aos músculos através de estímulos elétricos. Recentemente a ciência criou um estimulador baseado nos mesmos princípios e que tem auxiliado paráliticos. Na verdade o que o levou ao desatino foi uma inexorável doença do sistema nervoso; esta sim, minou-lhe o organismo, incoordenou-lhe as mãos, embaçou-lhe os olhos e tornou-o um ancião aos 59 anos. Continuou porém o engodo de fazê-lo gritar "Shazam". Parece ser de 1903 a primeira manifestação musical onde seu nome aparece e que foi cantada pelo emocionado autor, o cantor Eduardo das Neves, muito popular na



**Adão Xavier**  
(Sem Partido)

*A humanidade desenvolveu métodos de comunicação dos mais variados. No entanto, nenhum elemento tem maior abrangência na transmissão do pensamento e do conhecimento humano do que o objeto de materialização da literatura. Adaptado para os mais diversos segmentos, o livro pode ser expressão, arquivo, alavanca para o desenvolvimento, emoção, fantasia, aventura... Faz-se mister, então, que a todos seja permitido o acesso ao livro.*



**Geraldo Magela**  
(PT)

*A literatura é instrumento fundamental na construção de um país que se respeita e valoriza suas manifestações culturais. Através dos livros a história de um povo é contada, preservada e transmitida por diversas gerações. Por isto mesmo, a administração pública pode e deve criar mecanismos que permitam a divulgação dos escritores brasileiros. O Projeto de Lei nº 757/95, de minha autoria e da deputada Lúcia Carvalho, cria a Bolsa Brasília de Produção Literária, na perspectiva de tornar isso possível no DF.*

época. A composição era bem intencionada, apesar de bombástica, e fez muito sucesso. Em 1907, João do Rio escreveu que o Rio tinha sete prazeres, citando o jogo do bicho, o maxixe, o cinematógrafo e a propaganda "A Europa curvou-se ante o Brasil". Eis a laudativa letra da cançoneta "Homenagem a Santos Dumont", também conhecida como "A Conquista do Ar" e batizada pelo povo como "A Europa curvou-se ante o Brasil".

A Europa curvou-se ante o Brasil  
E clamou parabéns em meigo tom  
Surgiu lá no céu uma estrela  
Apareceu Santos Dumont.

Terra adorada, és meu Brasil  
Ô terra amada, de encantos mil.

Salve estrela da América do Sul  
Terra amada do índio guerreiro  
A maior glória do século vinte  
Santos Dumont - um brasileiro.

Terra adorada, etc, etc.  
O Brasil, cada vez mais poderoso,  
Menos teme o rugir fero do bretão;  
É forte nos campos e nos mares  
E hoje nos ares com seu balão.

Terra adorada, etc., etc.

A conquista do ar que aspirava  
A velha Europa, poderosa e viril,  
Rompendo o véu que a ocultava  
Quem ganhou foi o Brasil!

Terra adorada, etc., etc.

Por isso o Brasil tão majestoso,  
Do século tem a glória principal  
Gerou no seu seio o grande herói  
Que hoje tem um renome universal.

Terra adorada, etc., etc.

Assinalou para sempre o século vinte,  
O herói que assombrou o mundo inteiro:  
Mais alto que as nuvens, quase Deus  
É Santos Dumont - um brasileiro.

Em 1973 a Escola de Samba Imperador do Ipiranga desfilou com "Asas ao homem e glória ao Brasil" de Rosita de Almeida, onde relembra Eduardo das Neves:

Em 1873 no Brasil nasceu  
Uma criança que o mundo inteiro conheceu  
O sonho de voar em realidade se tornou  
Quando no espaço esse homem se elevou.  
Ô, ô, Ô, ô, a Europa ante o Brasil se

curvou  
Ô, ô, Ô, ô, e o sonho de um brasileiro realizou.

Santos Dumont a Escola homenageia  
O teu feito varonil  
Cantando em samba quem deu asas para o homem  
E glória ao nosso Brasil.

Voltemos ao passado. Em 1928 foi homenageado com uma ode intitulada "Condor Brasileiro" do Dr. Sabino Campos e Caninha:

Com a idéia no infinito  
Santos Dumont volta à pátria,  
Cheio de amor e de glória  
Salve! Condor brasileiro.  
Que o céu voou primeiro  
Entre os sábios e os heróis  
Herói e sábio profundo  
Santos Dumont é o maior,  
Porque deu asas ao mundo.  
Hoje assiste o mundo inteiro  
Com os olhos no céu de anil,  
A maravilha do século,  
E a grandeza do Brasil.

Em 1938 foi a vez de Antenor Gargalhada compor o confuso "Asas para o Brasil":

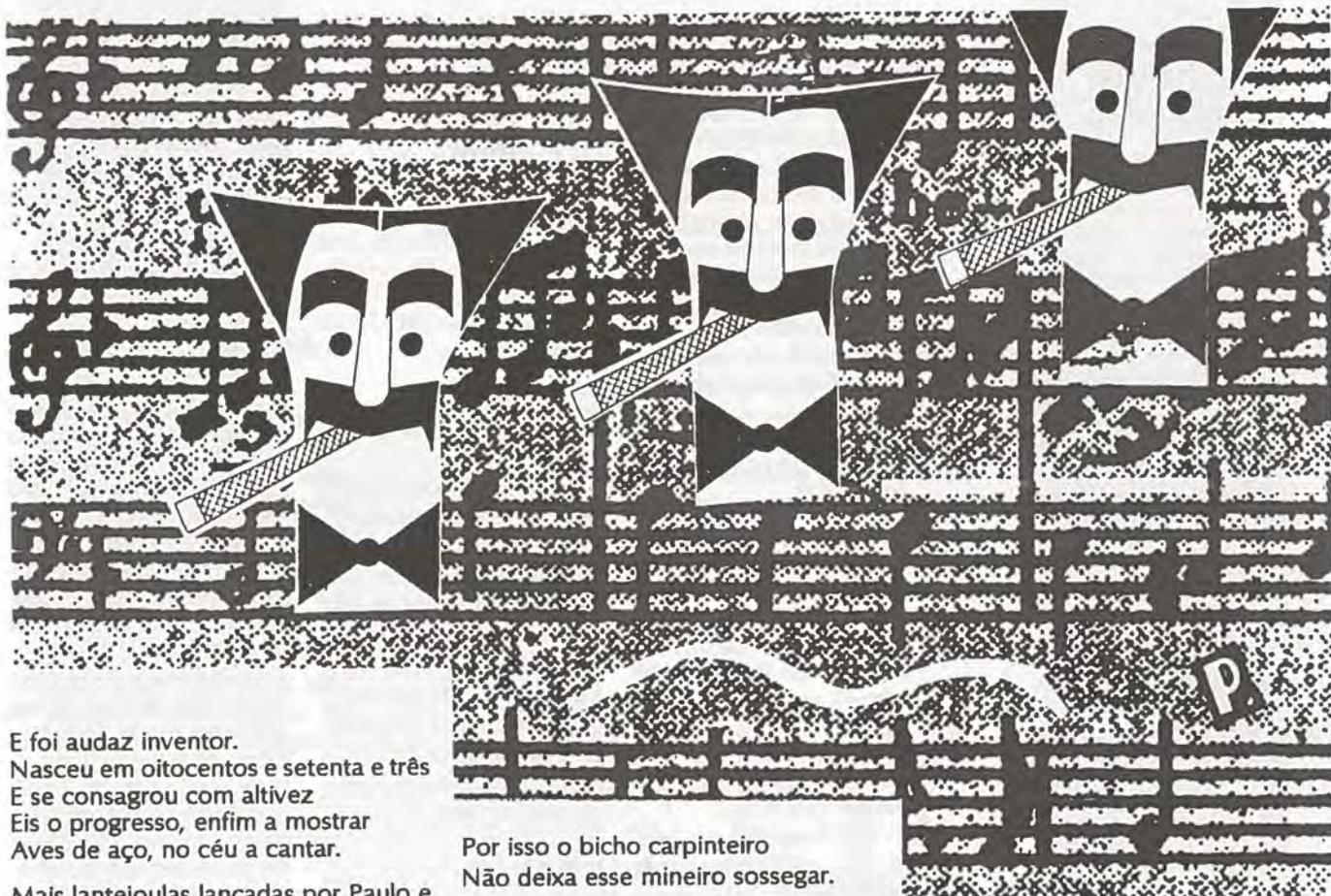
Vimos apresentar artes que alguém não viu  
Mocidade são, céu de anil  
Dai asas ao Brasil  
Tenho orgulho desta terra  
Berço de Santos Dumont  
Nasceu e criou, viveu e morreu  
Santos Dumont, Pai da Aviação.

De dois respeitáveis de nossa MPB, Ataulfo Alves e Wilson Batista, é a salda-exaltação "Terra Boa", onde sem-cerimoniosamente adulavam o "destemido" Getúlio Vargas:

Terra de Santos Dumont, Carlos Gomes,  
Rui Barbosa,  
Grande Duque de Caxias, Castro Alves,  
Noel Rosa  
Tem ainda um grande homem, destemido e braço forte,  
Por essa terra dou meu peito à própria morte.

Em 1946, agora com Aldo Cabral, Ataulfo volta a citá-lo na marcha-hino "Santos Dumont". Mais uma vez versos precários e um insólito avião canoro:

Alberto Santos Dumont, nome de exemplo e valor.  
Jovem ainda viu o seu dom...



E foi audaz inventor.  
Nasceu em oitocentos e setenta e três  
E se consagrou com altivez  
Eis o progresso, enfim a mostrar  
Aves de aço, no céu a cantar.

Mais lantejoulas lançadas por Paulo e  
Tito Patrício:

Mineiro pra lá de bom,  
Foi o grande inventor Santos Dumont.

"A 80 km por hora", cantada por Fran-  
co, faz-lhe menção:

Não vou chegar nas asas de Dumont  
Não vou falar nos fones de Granhan  
Bell.

Os caipiras (ou sertanejos?) Juquinha  
e Silveira, exageraram na dose, trans-  
ferindo-lhe o epíteto da Princesa Isa-  
bel:

Perto do Belo Horizonte,  
Nesta terra interessante,  
Nasce Santos Dumont,  
Para a nossa redenção.  
Ele foi pro estrangeiro,  
Com a fibra de mineiro  
Este grande brasileiro  
Foi o Pai da Aviação.

Clécio Caldas e Armando Cavalcanti  
compuseram em 1958 "Bicho Carpin-  
teiro", onde contavam de onde JK her-  
dara sua atração pelas andanças aéreas:

O Pai da Aviação era mineiro  
Nasceu com a mania de voar

Por isso o bicho carpinteiro  
Não deixa esse mineiro sossegar.

O samba-enredo de Darcy da  
Mangeira, Helio Turco e Jurandir, de-  
nominado "Modernos Bandeirantes",  
reserva um trecho para ele:

Santos Dumont  
Hoje o mundo reconhece  
Que você também merece  
A glorificação.

Aparece na apologia mineira de Luiz  
Wanderley e Elias Soares:

Quem pensar que o mineiro é bobo  
Vai cair na boca do lobo  
Foi lá em Minas que deu Tiradentes  
Seis presidentes e Santos Dumont.

Eis outro apanágio dos marqueteiros  
de Minas: "Mineiro é boa gente", de  
Tupi e Luiz de Castro:

Dois grandes nomes da história  
Santos Dumont e Tiradentes  
Por aí vocês já sabem  
Que mineiro é boa gente.

Por fim o samba "O Pai da Aviação",  
de João Colares, desfile de mesmice:

No dia vinte e três de outubro

De mil novecentos e seis  
Santos Dumont conquistava o ar  
Sob aplausos do povo francês.  
Ficou famoso o seu 14 Bis  
Foi o início da evolução  
O mais pesado dirigido no ar  
Por Santos Dumont, o Pai da Aviação.

Pelo que foi mostrado o leitor con-  
cluirá que nosso protagonista está por  
merecer homenagens mais inspiradas.  
Em outubro de 96, noventa anos terão  
decorrido de quando esse franzino,  
introspectivo e denodado brasileiro,  
que almejava cativar a aristocracia fran-  
cesa, apesar de sua origem interiora-  
na, voou no 14 Bis. Polêmico até ao  
morrer. Seu suicídio, enforcado com  
uma gravata, deu-se durante a Revolu-  
ção Constitucionalista de 32. Getúlio  
foi acusado pelos paulistas de tê-lo le-  
vado à depressão ao usar o avião como  
arma de guerra. O governo federal di-  
vulgou a versão da "morte natural", que  
foi o que constou do atestado de óbi-  
to. Eu, particularmente, faço minhas as  
palavras de Gilberto Freire sobre ele:  
"Nunca um brasileiro foi uma tão com-  
pleta glória universal, consagrado pe-  
los sábios, reis e artistas".